



UMA VISTA DAS REGIÕES POLARES.

VIAGEM PICTORESCA À RODA DO MUNDO  
E AOS DOUS POLOS.

SECÇÃO I.

Partida.— O Douro. Cidade do Porto.— O mar do norte. O Sunda e Copenhague. O Baltico e Stockolmo.— Aproximação do polo arctico.— Passagem do noroeste.— Entrada no oceano Pacífico.

Antes de investirmos com os gelos do polo é mister repousar em terra amiga, e prover de novas vitualhas a despensa do *Protheu*. Não iremos a nenhum dos portos de França ou de Inglaterra, porque esses logares são demasiadamente conhecidos do leitor, pelas repetidas relações de innumerous viajantes; porém, entranhando-nos no mar do Norte, agora livre de borrascas, por haver passado a estação invernos, demandemos a península de Jutland, a antiga Chersoneso cimbrica, e dobrando a sua aguda ponta septentrional, o cabo de Skagen, entremos no Cattegat, que banha as costas da Suecia e da Dinamarca.

VOL. IV.—3.ª SERIE.

D'estes logares, hoje pacificos, e que contemplam de braços cruzados, e armas em descanso, a passagem das esquadras do occidente, que vão levar a guerra aos seus visinhos, saíram outr'ora aquelles terriveis normandos, que impozeram o seu nome a uma provincia de França, assolaram Paris, conquistaram a Grã-Bretanha, infestaram as costas de Hespanha e de Italia, descobriram a Islandia e a Groenlandia, e reconheceram, provavelmente, o norte do continente americano.

O Cattegat communica com o mar Baltico por tres estreitas passagens, das quaes a mais frequentada é a de Sunda, entre a costa da Suecia e a ilha dinamarqueza de Seeland; por essa entraremos, e pagando no porto de Elseneur o direito a que, por consenso unanime de todas as nações, são obrigados os navios mercantes que se dirigem ao Baltico, visitemos na mesma ilha de Seeland a formosa cidade de Copenhague, que é ao mesmo tempo a capital, a melhor praça de guerra, e o principal arsenal da Dinamarca.

Situada sobre um optimo porto, bem defendida

JULHO 21, 1855.

por extensas linhas de fortificação, e uma vasta cidadella, a cidade de Copenhague attrahe as sympathias do viajante. Ruas excellentes, palacios soberbos, igrejas, uma antiga universidade, bibliothecas, theatros, fabricas e estaleiros de construcção; e em meio da grandeza dos edificios uma população de 120:000 almas, que se agita: eis a perspectiva da capital de Dinamarca. E comtudo o seu poder maritimo calu no principio d'este seculo. A esquadra dinamarqueza pagou a alliança do seu rei com o imperador Napoleão contra a Grã-Bretanha. A principal fonte de receita do paiz é o imposto de que fallamos, que pagam os navios na passagem do Sunda, e do grande e pequeno Belt; o que ascende a mais de um milhão de cruzados annualmente, visto que não se póde entrar no Baltico sem passar pelas aguas da Dinamarca. Parece que a Próvidencia quiz livrar a Europa de ser surprehendida pelo gigante do norte, estreitando-lhe a saída maritima pelas duas extremidades do colossal imperio: aqui, tem o rei de Dinamarca, guardando as passagens do Baltico para o mar do Norte; além confiou as chaves do mar Negro ao sultão da Turquia, que no estreito do Bosphoro, com um pé na Europa e outro na Asia, vigia a passagem para o Mediterraneo.

O Baltico, depois de banhar o Jutland, o Holstein, e as ilhas de Dinamarca; os dous ducados de Mecklemburgo, que confinam com o Holstein; a Prussia oriental e a Pomerania; a grande ilha de Gothland e costa da Suecia, encontra a península de Finlandia, e divide-se em dous braços de mar: um que se entranha para o norte até quasi ao circulo polar, com o nome de golpho de Bothnia; outro que corre direito a leste, com a denominação de golpho de Finlandia, no fundo do qual está S. Petersburgo, tendo por sentinella avançada a formidavel Cronstadt. No Baltico não ha marés.

A esquadra alliada, que bloqueia os portos da Russia, não permite que nos aproximemos a esses lugares, indigitados para theatro de grandes façanhas; encostando-nos pois á costa da Suecia, tanto quanto o permite a aspera cinta de ilhotes e restingas, defeza natural do paiz em caso de guerra; e passando o estreito de Calmar, que separa a cidade d'este nome da ilha de Oeland, yoguemos para Stockolmo; atravez de um labyrintho inextricavel de ilhas de todos os tamanhos, com o soccorro de um piloto da costa, sem o que ser-nos-ia impossivel sair d'este archipelago de doze leguas, cortado de innumerous canaes, que se torcem em complicadissimas voltas.

A capital da Suecia foi edificada sobre diferentes ilhas, unidas por solidas pontes, á semelhança de Veneza. O seu porto, cuja entrada defendem temerosos rochedos, é todavia bastante amplo e seguro. A formosura da cidade propriamente dita briga com a miseria dos arrabaldes. Ali vèem-se templos sumptuosos, palacios, um arsenal consideravel, fabricas, escolas, e outros ricos estabelecimentos; aqui toscas cabanas, dessiminadas por entre duros penhascos, e apenas algum breve jardim a esmaltar a paizagem. Comtudo a Suecia, depois mesmo de haver perdido a Finlandia, que caíu em poder do autocrata, ainda fórma com a Noruega um reino muito mais importante do que a Dinamarca, e que só lhe é inferior na aspereza do clima.

Todavia, este paiz, que soffre seis mezes de inverno, quatro dos quaes coberto de permanente neve; cujos rios gelam todos os annos, e com elles o mar que a vista alcança até ao distante horisonte; que supporta, n'essa estação, intenso frio, em dias apenas

de seis horas; quasi que não conhece agora a noute, porque no estio o crepusculo da tarde acaba quando o da madrugada está para começar. O verão apparece de repente, sem que a primavera o preceda, e um sol abrazador faz desabrochar instantaneamente uma vegetação luxuriante. Vêde como as paizagens do norte se tornam então magnificas. Contemplaes esses campos e prados de um verde desconhecido no meio-dia da Europa, e os castellos pictorescos que se erguem á beira-mar sobre rochas de granito côr de rosa, de porphyro vermelho ou claro, cercados de grandes arvores rezinosas, de pinheiros gigantescos, e de pyramidaes abétos. As ilhas, que precedem a costa, parecem ramalhetes perdidos sobre as ondas. Na região glacial, como nos tropicos, os aspectos da natureza são inteiramente novos para o homem dos climas temperados. É preciso ver as diversas zonas para apreciar essas differenças.

É tempo, porém, de deixar o Baltico, volver pelo Sunda ao Cattegat e ao Oceano, e aproar ao norte, em demanda da ponta meridional da Groenlandia, que nos ha de servir de balisa para a navegação polar. Começam a apparecer em grande numero as phocas e baleias, principaes habitantes d'estes mares, que arrojam a agua a grande altura em espumosos repuxos; eis a primeira avalanche que se aproxima, como vedeta das neves do Arctico; lá está a terra que procurámos, pobrissima de vegetação, e coroada de eternos gelos. Marcando o cabo da Desolação, demos a pôpa á Groenlandia, e entestando com o cabo Walsingham, da terra de Cumberland, vamos sulcando o temeroso estreito de Davis.

Aqui se encurva a bahia Merchant; além surge o cabo Roper; estas aguas já são do mar de Baffin.

Coragem, amigo leitor! Vamos investir com o estreito de Lancaster; passaremos o canal de Barrow; costaremos as ilhas de Parry, umas solidas e fixas, outras quebradiças e errantes; e buscaremos emfim a passagem que Beckey, Dease, Simpson, e Mac-Clure, julgaram ter descoberto, em differentes explorações.

Entretanto reconhecamos esta melancolica região, a Boothia Felix, onde invernoou o capitão Ross, e que apesar da alta latitude em que jaz, tem habitantes da raça humana. Observa, leitor, um d'esses esquimós, coberto de grande japonsa com capuz, formada de duplas pelles; calçado de botas felpudas, e cujos calções de gamo acabam de lhe dar a apparencia de uma fera. Apesar d'isso, o selvagem que tendes diante dos olhos é manso, e pensa mais em adornar-se de pelles de phoca e de arminho, ou em fabricar colares de ossos dos animaes que apanha, do que em fazer-vos o menor damno.

O maior inimigo do homem n'estas paragens, cá vem aproximando-se á beira d'esta ilha de gelo, que nos fica no caminho: é o urso branco!... Como a sua carne nos parecerá saborosa n'este deserto, se o pudermos matar! Fogo contra o monstro do polo... eil-o prostrado; e os echos da solidão repetem de montanha em montanha o estampido do tiro.

Não avancaremos mais para o Arctico, em busca do continente, que o capitão Brag assegura ter enxergado além dos 87 graus de latitude; mas, inclinando para oeste, entranhemos-nos n'esse estreito canal, que une o Atlantico com o Pacifico, d'entre cujos gelos retrocedeu ainda ha pouco o intrepido Mac-Clure depois de se haver julgado perdido sem remedio. Confiados no auxilio divino, tentemos, os primeiros, a grande empreza, reputada até hoje como superior ao esforço humano.

Não te assustes, leitor complacente, que nos tens seguido em tão difficil senda, sem experimentar o menor revez, não te assustes com a vista d'essas formidaveis ilhas de gelo, que vagueiam em torno de nós: a Providencia ha de livrar-nos do seu contacto, que nos esmagaria de certo; nem tremas vendo resvalar, sobre essas superficies cristalinas, enormes madeiros que, inflammados pela violencia da fricção, erguem fugazes chammas no meio de perpetua neve. Deixa que estalem com sinistro ruido essas massas de gelo, rotas talvez pela força de um extraordinario calor: mais facil nos será a derrota por entre os fragmentos de uma grande ilha, do que tendo de rodeal-a em toda a sua extensão. Entre as imagens da morte que nos cercam, surgem ás vezes maravilhosos artefactos da natureza. Olha essa prodigiosa avalanche, brocada pelas aguas em todo o seu comprimento, apresentando o aspecto de um *tunnel* ou galeria subterranea, forrada interiormente de lapislazuli, e figurando no exterior a portada de uma cathedral gothica, fabricada do mais puro alabastro. Vê mais longe essa torre de esmeralda, inclinada como a de Pisa, mais fulgente que as de Nankin, cujos arabescos parecem recortados por mãos de fadas. Aqui, um ilhote vermelho, semelhante a soberbo banco de coral; ali, outra molle gigantesca, que parece marmore negro, como se fóra o sarcophago do genio guardador do polo, morto de despeito pela audacia dos navegadores modernos. O gelo polar toma todas as côres do arco Iris, imita todos os caprichos da architectura: não apresenta, como geralmente se suppõe, uma perspectiva monotona de serras de cristal.

O caminho torna-se cada vez mais estreito; os obstaculos amontoam-se n'esta passagem, encontrada ha alguns annos, mas ainda não transposta até hoje. Comprimida pela avalanche, a agua murmura e esbraveja nos apertados canaes por onde póde escoarse. Um raio de sol tibio vem da orla do horisonte, correndo sobre a superficie polida do gelo, mas sem força para aquecer esta região onde reina o frio da morte!...

De joelhos, leitor. Descobrámos a frente, que por aqui devem ter ficado as ossadas de mais de um navegador, cuja sorte nos é desconhecida. Oremos pelo eterno repouso dos nossos compatriotas Gaspar e Miguel Côte-Real; de John Franklin e seus compaheiros, que morreram de fome e de frio, depois de chegarem aos ultimos excessos do cannibalismo, segundo as noticias que d'elles alcançou John Arat; e de tantos outros, cujos baixéis ficaram entalados entre os gelos, ou naufragaram n'estas tenebrosas plagas, e que serviram de pasto á voracidade dos ursos e dos rangiferos, se é que os seus cadaveres se não conservam sobre a neve, isentos de putrefacção.

Voguemos com toda a força da machina de vapor, com todas as velas largas, antes que a longa estação invernososa comece, e que tenhamos de passar muitos mezes sobre a costa septentrional da America russa. Enfiemos por entre esses dous continentes que oscillam, em quanto se não reúnem em um só, pois nos esmagariam n'essa fatal aproximação.

Parabens! parabens! companheiros de viagem! Lá se divisa terra da Asia. É a inhospitaleira costa da Siberia. Abracemo-nos, que somos os primeiros a passar pelo norte da America de um para outro oceano... E, Deus louvado, sem perigo e sem fadiga!!

Se não fóra o inverno que começa a intrincheirarse em inexpugnaveis baluartes de gelo, executaria-

mos ainda outra façanha, mostrariamos ao mundo a passagem do nordeste, buscada em vão por Cabot, como acabámos de lhe franquear a do noroeste! Costeando a Siberia do oriente para o occidente, regressariamos á Europa pelo cabo Norte; e seriamos tambem os primeiros a percorrer este caminho, se é fabulosa, como geralmente se suppõe, a viagem do hespanhol Lourenço Ferrer Maldonado, que disse ter passado do Atlantico para o Pacifico, pelo norte do continente europeu, em 1588.

O mez de agosto toca o seu termo. É mister procurar um clima mais temperado, e fugir das avalanches que nos rodeiam, mais altas do que os mastros do navio. Derivemos para o sul. A corrente que nos afasta do polo, talvez porque já ali se accumulam grandes massas de gelo, ajuda o *Protheu* na sua derrota para o estreito de Behring.

Eis o cabo Oriental, descoberto por Cook; estamos entre os dous mundos, onde elles mais se aproximam. Diante de nós estende-se a cadeia das ilhas Aleoquinas, que descrevem um arco de circulo desde a Asia até á America em altura de 50 a 55 graus de latitude norte. O gelo desappareceu. Costeiemos a península de Kamtchatka e o archipelago das Korillias; e apesar dos estorvos que possa oppor-nos um governo desconfiado, visitaremos o celebrado imperio do Japão.

(Continúa).

F. M. BORDALO.

#### AS GRAÇAS DO MUNDO.

Que são os despachos senão um sim de patrocina-dos, e um não de benemeritos? Ou haveis de prètender arrimado ao favor alheio, ou não vos ha de valer o merecimento proprio. D'aquelle animal chamado pela sua luzente variedade stelio, diz Salomão, que fazendo das paredes arrimo para subir, habita nos palacios dos monarchas: *stelio manibus nititur, et moratur in domibus regum*: ditoso animal! que a aguia occupe o alto dos edificios mais soberbos, sua agilidade o merece, e sua generosidade o pede; porém que o stelio, animal sem azas, chegue a lograr o posto mais superior dos palacios? Como póde subir a tanta altura, se não vóa! porque se não vóa arrimasse: *manibus nititur*; e mais lhe importa o arrimo, que lhe poderão importar os vãos: a aguia com todas suas azas achar-se-ha nos melhores cumes. Quem quizer altear-se muito, ainda que vòe menos, procure arrimar-se mais.

Que são os postos, senão subidas, cujos degraus se vencem a quedas? Quando o demonio offereceu as dignidades mais luzidas a Christo, logo metten por condição, que havia de cair ajoelhado diante d'elle. Que sem cair não ha levantar no mundo, custosos altos a que se não póde chegar sem quedas! Haveis de cair diante do principe, haveis de cair diante do privado, haveis de cair diante dos ministros, e quando pretendeis aventajar-vos a outros, andaes humilde beijando a mão a muitos, e o peor é que muitas vezes, depois de tanto cair, esses mesmos que adorastes em lugar de vos darem a mão para que subaes, vos dão de mão para que não chegueis, e elles ficam tantas vezes adorados, e vós caídos por uma vez.

PADRE ANTONIO DE SÁ — SERMÕES.

## TABELLA DAS DIFFERENTES MOEDAS, CORRENTES NO REINO, QUE SE

METAL.	DENOMINAÇÃO DAS MOEDAS.	VALOR	PEZO		
		EM RÉIS.	ONÇ.	OIT.	GR.
PRATA DE 11 DINHEIROS.	CRUZADO NOVO . . . . .	480	0	4	59
	DOZE VINTENS . . . . .	240	0	2	29
	SEIS VINTENS. . . . .	120	0	1	14
	TOSTÃO. . . . .	100	0	1	0
	TRES VINTENS . . . . .	60	0	0	43
	MEIO TOSTÃO. . . . .	50	0	0	36
	VINTEM. . . . .	20	0	0	17

OBSERVAÇÕES. Nos ultimos annos do reinado do sr. D. João V soffreram estas moedas muita diminuição no pezo, pois que sendo até ahi cunhadas na razão de 6\$400 réis o marco, já em 1747 e 1750 o foram na razão de 7\$500 réis.

Da estatistica da casa da moeda de Lisboa, publicada em 1852, se deixa ver que a cunhagem dos Cruzados Novos cessou no anno de 1837. A das moedas de Doze Vintens, interrompida no anno de 1826,

COBRE.	DEZ RÉIS. . . . .	10	}
	CINCO RÉIS. . . . .	5	
	TRES RÉIS . . . . .	3	
	REAL E MEIO. . . . .	1 $\frac{1}{2}$	

OBSERVAÇÕES. A cunhagem d'estas ultimas moedas acabou logo nos primeiros annos do reinado do

O mappa das moedas que se cunharam em Portugal no reinado do sr. D. João V, cuja publicação se conclue n'este numero, é obra do sr. Jorge Cesar de Figanière, auctor da *Bibliographia historica portugueza*, livro conscienciosamente escripto, e de um auxilio immenso para os estudiosos da historia patria.

Limitado nas dimensões e no plano este trabalho sabemos que custou ao sr. Figanière aturadas investigações; estando n'elle representados todos os factos, e apontadas as differentes peças de legislação com o escrupulo e exactidão de que o distincto escriptor deu tão largas provas na sua *Bibliographia*.

Agradecemos cordalmente ao sr. Figanière o valioso offerecimento do seu interessante *mappa*; e muito folgaremos que continue a honrar as columnas d'este semanario com o fructo das suas laboriosas locubrções.

## ESTATUA GREGA.

A estatua, ou antes o baixo-relevo, que a gravura representa fielmente, foi encontrado no templo de Jupiter olympico, em uma das pesquisas feitas por ordem e sob a intelligente direcção da expedição scientifica franceza na Moréa.

O sr. Raoul Rochette, distincto archeologo, em um relatorio que dirigiu, em 30 de abril de 1831, á academia das sciencias de París, deu-nos os seguintes esclarecimentos sobre este precioso fragmento da arte antiga, que escapára á attenção de Pausanias, e que se deve na verdade ás investigações e ao ardor infatigavel dos artistas francezes:



« É, diz o sr. Rochette, uma figura de Minerva em baixo-relevo, que não soffreu estrago algum, e que parece á vossa commissão um fragmento de primeira ordem.

« A deusa está sentada em um rochedo, ao qual

## CUNHARAM EM PORTUGAL E NO BRAZIL NO REINADO DO SR. D. JOÃO V.

DISPOSIÇÃO LEGISLATIVA.	LOCALIDADE.	REFERENCIA AS EST. DO T. IV DA HIST. GENEAL. DA CASA REAL.
Regimento da casa da moeda de 9 de setembro de 1686, e lei de 4 de agosto de 1688.	Lisboa e Porto.	Estampa Y, n.º 176
		« n.º 177
		« n.º 178
		Estampa X, n.º 163
		« n.º 162
		« n.º 164
		« n.º 165
Alvará do sr. D. Pedro II de 17 de fevereiro de 1699.	Lisboa.	Est. X e AA, n. 167 e 189
		» n. 168 e 190
		» n. 169 e 191
		Est. X, n. 170
sr. D. João V. Das de Tres réis ainda no seculo actual se lavraram 123:363 em 1804, e 1:065 em 1819.		

apoia tambem a mão esquerda; na direita, cruzada por baixo do peito, tinha um ramo, provavelmente de oliveira; e segundo todas as presumpções, este ramo, que apresentava a outra figura que lhe ficava em frente, e que não podia ser senão Hercules, era fabricado de bronze. Encontrou-se de feito no antigo solo uma folha de oliveira de metal dourado, que naturalmente fazia parte d'aquelle ramo; e a escolha de semelhante arvore tinha sem duvida relação com a tradição celebrada por Pindaro, que attribuia a Hercules a introdução na Grecia da oliveira sylvestre, e em virtude da qual se serviam de um ramo d'esta arvore para as primeiras coróas olympicas.

## NOVA TRADUCÇÃO DOS LUSIADAS.

A culta Allemanha acaba de dar um novo testemunho do cuidado com que ali se cultiva o estudo das litteraturas meridionaes, e da acceitação que lhe merece a famosa epopéa em que se celebram as nossas glorias.

Havia uma elegante traducção allemã dos *Lusíadas* de Camões: este trabalho, devido á penna do illustre poeta Donner, concorreu de certo para tornar, para assim dizer, populares na Europa central, as estancias patrioticas do cantor de Ignez e do Gama. Buscada com empenho a edição d'este livro, apesar de se haver extrahido grande cópia de exemplares, tornára-se pouco vulgar.

Por este motivo, e porque alguns estudiosos do nosso formoso idioma taxavam de menos fiel aquella versão, reclamava-se geralmente um novo trabalho, que plenamente satisfizesse ao desejo que tinham os amadores da litteratura portugueza de conhecer o

poema do Camões melhor do que pela versão, aliás estimavel, de Donner.

O sr. F. Boosh Arkossy acaba de saciar a publica expectação, dando á luz uma nova traducção dos *Lusíadas*, que foi impressa em Leipsik, e é precedida de uma larga e erudita introdução historica, e ornada dos retratos de Camões e Vasco da Goma.

Consta-nos que á obra do sr. Boosh falta a elegancia e o mimo de linguagem e de versificação que distingue a versão do sr. Donner; em compensação porém é de uma fidelidade e correcção escrupulosa, o que lhe dá sobre aquella uma vantagem immensa.

É com o maior prazer que communicamos esta noticia, sentindo ao mesmo tempo que tão escaço seja o nosso trato com a Allemanha, onde a litteratura portugueza é muito apreciada.

Esperámos que a linha de vapores que vae estabelecer-se entre Hamburgo e Lisboa ha de acabar com este isolamento em que vivemos do centro da Europa, creando relações, que não podem deixar de influir mui poderosa e vantajosamente no nosso progresso.

## VIADUCTO DE CRUMLIN.

No condado de Galles, em Inglaterra, concluiu-se ha poucas semanas um viaducto com o nome que precede estas linhas, sobre o caminho de ferro de oeste, o qual merece ser citado como uma das obras mais gigantescas e primorosas d'este genero. A sua extensão total excede a 1:500 palmos portuguezes; sendo sustentado por quatorze pilares de 300 palmos de altura. Por baixo d'este enorme viaducto corre uma outra via-ferrea e um excellent canal.

## ESBOCETOS DE TYPOGRAPHIA HUMANA.

## V.

## O CRITIQUEIRO (1).

Depois de fôfo Pedante,  
 Quem seguir deve primeiro,  
 Senão garrulo, vaidoso,  
 O mordente Critiqueiro?  
 —Prégador de vão conceito,  
 Democrito, a novo geito,  
 Que de tudo ri, desdenha,  
 Desentranhando-se em petas  
 Ao compasso de caretas:  
 Que mancha, com vil pilheria;  
 Acção mais nobre, mais seria:  
 Energumeno invejoso  
 D'alheia reputação,  
 Que nem bom, nem mau respeita.  
 A tudo pondo senão:  
 Cuja lingua é sujo hyssope  
 Banhado em maledicencia,  
 Com que de continuo asperge  
 Obras d'arte, e de sciencia;  
 Grão censor, falla papudo,  
 Nada entende, masca em tudo.  
 —Que approva, — *por compaixão*.  
 Rejeita, sem discussão;  
 Zombando d'escripto alheio,  
 Porque seu não tem, nem meio:  
 Salvo semsabor pastel,  
 D'uma resma de papel,  
 De scenas tuim catalogo,  
 Em estafado dialogo,  
 Que diz, *regrada* comedia,  
 Pelas maximas d'Horacio,  
 Como prova n'um prefacio,  
 Ou par'cer, que deu d'um drama.  
 (Que o crítico farellorio,  
 Pertence ao Conservatorio);  
 Reprovando-o, porque chama,  
*Immoralmente* — néné,  
 A uma creança de mamma;  
 E que *cego*, sem respeito,  
 Às priscas auctoridades,  
 Seu auctor *nescio* faltára,  
 À regra das *unidades*!  
 —No theatro portuguez,  
 De que é pessimo freguez,  
 Dando voto sem criterio:  
 Já, sentado na platéa,  
 Desdenhoso, semi-serio,  
 Soltando chalaça e meia;  
 Ou, no *gratis* camarote,  
 Babando magro dichote,  
 Contra peça, contra actores:  
 Se comedia — é chocarrice,  
 E se drama — parvoice.  
 Notando, o que julga falta,  
 Ao visinho espectador;  
 Em pausada voz, mais alta,  
 Porque o ouçam em redor,  
 E d'ouvil-o, o conceituem.  
 Em vez d'asno — entendedor.

Ri da velha fidalguia,

(1) Os quatro primeiros, a saber: o Lamina, o Janota, o Alfarrabista, e o Pedante, foram publicados na Revista Universal Lisbonense.

Moteja alheios arminhos,  
 E mostra seus pergaminhos.  
 Zombeteja a nuvem densa,  
 Harta praga de barões;  
 Maior, que na esphera immensa,  
 Bando infesto de saltões;  
 E no sedição gracejo,  
 Seu anhelante desejo  
 Com disfarce occulta, esconde,  
 Té que o pretendido ensejo  
 Chega alfim, e sáe visconde!  
 —Falla então dos seus parentes,  
 De todos conta uma historia,  
 Vem todos á palmatoria;  
 Honra, virtude não poupa,  
 O maligno *fraca-roupa*;  
 A familia põe de rastos,  
 Um por fôna, outro por gastos;  
 Ora acerta, agora mente,  
 Mas de *nobre* uma costella,  
 Acha em toda a parentela!  
 —Senão quando, marcha prestes,  
 Barba feita, luva branca;  
 Em semi-garridas vestes,  
 Traja fato domingueiro;  
 Pende-lhe o habito do peito,  
 Como chapa d'aguadeiro;  
 E a saltos de gafanhoto,  
 Olhos, bôca, um só tregeito,  
 Eil-o aprôa, vae direito,  
 A' das *graças* residencia,  
 E busca sua excellencia.  
 —E o ministro louvaminha,  
 Em comprida ladainha,  
 Chama-lhe Colbert, Pombal,  
 Da patria vivo fanal,  
 Esfarrapa-se em medidas,  
 O gigante das censuras!  
 Mas não sáe, sem dizer mal;  
 Que mesmo n'adulação,  
 O Critiqueiro não pôde  
 Mentir ao character — não;  
 Assim, ao mesmo que exalta,  
 Lhe põe logo alguma falta.  
 Como esgalgado mollosso,  
 Que a lambida mão já morde.  
 Se lhe nega mais um osso!

São damninhos animacs  
 Os da raça critiqueira;  
 Em dous typos principaes,  
 Divido-os, d'esta maneira:  
 O *Critiqueiro-palhaço*...  
 (De quem tendes, mais d'um traço,  
 N'esse esboço mal pintado,  
 Que vou dar-vos retocado):  
 O Critiqueiro-palhaço,  
 Faz de lérias calhamaço,  
 Que espalha, por toda a parte.  
 Ora á tóa, ora com arte:  
 E diga verdade, ou pèta,  
 Onde está *lé a gazeta*;  
 E, vilão papel de hóbo  
 Seja, o que elle representa,  
 Embora; — se a turba attenta,  
 Já d'ouvil-o boqui-aberta,  
 Logo ri, — que o dito envolva,  
 Couça falsa, ou cousa certa,  
 Attrahir, dizendo mal,  
 Eis a bossa do animal.

— Assim, moça de má vida,  
De luzes-luzes envolta,  
Que passeia, vae á solta,  
Em requebros, sem medida,  
Dando cóca ás attensões,  
Malferindo corações;  
Que festeja ao pôr em scena,  
E depois logo envenena.

Na segunda classe vem  
O Critiqueiro-pantufo;  
Que, se mal só diz também,  
Notaveis differenças tem.  
Um—aquelle, mais *espalha*,  
A folgar sómente ralha:  
Este não:—segue outro rumo:  
Falla pouco,—tom mais serio;  
Corpo em rigoroso aprumo;  
Diplomatico *toilete*,  
Mais tezo que um canivete,  
Ou de cópas um valete;  
Colete, gravata branca,  
Alta, larga, mais que sanca,  
De salão, em torno ao tecto...  
Em saber, qual no vestido  
Antes parvo, que discreto.  
—Nutrem-se de igual desejo,  
Os dous bandos critiqueiros:  
Tem aquelles mais despejo,  
São estes mais disfarceiros.  
Fallam, como que obrigados,  
Só depois de perguntados.  
Em quanto discutem, fallam  
Os outros,—ouvem e calam:  
Deixam-nos dizer primeiro,  
E como tendo pensado,  
Seu par'cer *auctorizado*,  
Dão sómente, em derradeiro.  
—Como fogo d'artificio,  
Pondo termo ao arraial,  
Ou, na scena arlequineira  
Combate,—salto mortal.  
E o Critiqueiro-pantufo,  
Levantando os cotovelos,  
Como quem doba novellos,  
Ou tambor tocando um rufo,  
Solta a veia maldizente,  
E com falla intermittente,  
Pinga, a pinga o mórdaz sumo  
Derramando sobre o assumpto,  
O auctor põe um defunto.  
Mais que os outros deshumano,  
Não diz bem, nem por engano!  
—E sé algum, mais razoavel,  
Nota o pouco, que o contenta,  
Tudo quanto se apresenta;  
Sorri, meneia-se um pouco,  
Como quem diz—pobre louco!  
E depois, com dó fingido,  
Responde todo espremido:  
«Que querem?—Se estes senhores,  
A quem praz chamar-se auctores,  
Fazem sempre umas taes obras,  
Más... tão feias, com'as cobras!  
Letras, hoje em Portugal...  
Só gordas!... por nosso mal.»  
N'isso, os magnos collarinhos  
Puxa, afaga, e se remira;  
Como sabio, mais da marca,  
Impondo-se, a quem o ouvira.

D'artes, letras, e sciencia,  
Auctores, obras maldiz;  
Nem a mestres dá respeito,  
Quem jámais fóra aprendiz.  
—Assim gaiatos da rua,  
Que, por nada terem proprio,  
A cidade tem por sua;  
Jogam pedras, á vidraça,  
E no alheio prejuizo,  
Que não sentem—acham graça.

D'um, e d'outro Critiqueiro  
A feição essencial,  
Já se vê, que é dizer mal.  
Mas, o Palhaço faz rir:  
É como antigo jogral,  
Não de reis, nem de fidalgos...  
É de todos a quem falla,  
Quer na rua, quer na sala.  
O Critiqueiro-pantufo,  
É mais fófo, mais *tartufo*:  
O outro—livre, picaresco;  
Este sonso, pedantesco...  
Diplomatico—fradesco.  
Aquelle—farfante burro,  
Traz aviso da patada  
No roncar do crebro zurro;  
Mula de physico—est'outro,  
Mula, d'estas que faz—him!  
Escoucinha, sem motim.  
—Quer fanfarrão, quer arteiro,  
Mais manhoso, ou mais sendeiro,  
Figas! figas!—Critiqueiro.

Julho de 1855.

J. DA C. CASCAES.

#### EXPULSÃO DOS JUDEUS EM 1492.

Ainda se não fixou, nem já agora será facil fixar com exactidão, o numero de judeus não baptisados, que, em consequencia do famoso decreto, saíram n'aquelle anno, de Hespanha. Fazem-no alguns subir a 800:000; outros reduzem-no a metade, e outros a muito menos ainda. N'esta diversidade de calculos, parece-nos que nada perdemos em adoptar o que o limita á menor somma, e que bem podemos seguir o que nos deixou expressamente consignado o chronista Bernaldez, historiador contemporaneo, testemunha e actor n'aquella grande catastrophe do povo hebreu-hispano, o qual reduz a 35 ou 36:000 as familias de judeus não conversos que havia em Hespanha ao tempo da expulsão, que comprehenderiam uns 170 a 180:000 individuos.

Mas em todo o caso não ha de julgar-se da conveniencia ou desconveniencia d'aquella terrivel lei pelo numero de pessoas, ou pela maior ou menor despoção que soffrera o reino, já bastante dizimado pelas guerras e pelo desgoverno dos reinados anteriores, senão pela qualidade dos expulsos. N'esse sentido não póde deixar de qualificar-se de prejudicial para os interesses materiaes da Hespanha a saída violenta e repentina de uma classe numerosa, que se distinguia pela sua actividade, e pela sua habilidade e intelligencia para o exercicio das artes, da industria e do commercio. A expulsão dos judeus foi pois um golpe mortal que destruiu em Hespanha estas fontes da riqueza publica, para que fossem secundar outros climas, e engrandecer estranhas regiões. Assim não nos espanta que, chegando á Turquia os judeus

expulsos do territorio hespanhol, o imperador Bajazeto, que fazia uma vantajosa idéa do rei Fernando, exclamasse: *Chamaes politico a um rei que empobrece a sua terra, e enriquece a nossa?* Erro em verdade mui vulgar n'aquelle tempo, em que o ouro e a prata constituíam a riqueza das nações; e sem duvida d'elle participou Fernando, crendo que remediava o mal, prohibindo-lhes a extracção d'aquelles preciosos metaes, e não attendendo a que levavam consigo a verdadeira riqueza, que era a sua industria e a sua actividade e intelligencia mercantil.

Está visto que a expulsão dos judeus fôra economicamente prejudicial aos interesses do estado; mas infringiriam aquelles esclarecidos monarcas (Fernando e Isabel) as leis da nação, ou faltariam ás da humanidade, n'aquella violenta medida? Merecia aquella severidade a raça judaica? Ou que causas impelleram o politico Fernando e a piedosa Isabel a publicar tão crua ordenança contra os desventurados descendentes de Israel?

Repelliremos desde já como calumniosa a especie por alguns modernos escriptores apresentada, e em nenhum documento baseada, de attribuir a expulsão dos hebreus ás cubiçosas vistas dos soberanos, e ao desejo de apoderar-se de suas riquezas e haveres. Similhante pensamento, sobre ser indigno de tão grandes monarcas, e opposto á sua indole e character, nem sequer achamos que passasse pela imaginação dos proprios judeus; e a unica clausula do edicto em que pretende fundar-se, a prohibição de exportar a prata e o ouro, não era mais do que o cumprimento de uma lei geral, por duas vezes sancionada nas côrtes do reino. Talvez não fosse impossivel descobrir no edicto uma prova de pouca gratidão para com individuos, que ainda que odiados, menosprezados e perseguidos, e devendo suppor-se impellidos pelo engodo do ganho e da usura, tinham feito innegaveis serviços aos monarcas na ultima guerra, e contribuido para o seu triumpho, abastecendo os exercitos de munições e vitualhas, a ponto de não deixarem nada a desejar á profunda solicitude da rainha Isabel.

Uma causa mais forte que todas estas considerações moveu pois os nossos monarcas a publicar o famoso decreto, e esta causa não foi outra senão o exagerado espirito religioso dos hespanhoes d'aquelle tempo, e que em muitos, pôde bem dizer-se com franqueza, era verdadeiro fanatismo; que produziu annos depois a expulsão dos judeus de varias nações da Europa, com circumstancias mais atrozes ainda que na nossa. No capitulo III d'este livro fizemos uma resenha da historia da raça hebraica em a nossa Hespanha, e demonstramos a inimidade e o odio nacional que contra ella acharam enraizados Fernando e Isabel na occasião de subirem ao throno: odio e inimidade que se haviam manifestado nas leis das côrtes, nas pragmaticas dos reis, nos tumultos populares. O rancor não se havia extinguido; conservava-se vivo na opinião publica, excitava-o o clero e os inquisidores; e estabelecida a Inquisição contra os judeus, via-se proxima como consequencia quasi natural, e tão depressa cessassem os cuidados da guerra, uma perseguição geral, que devia de rebentar de um modo ou de outro. Insistiu-se em persuadir os reis, (e não era o inquisidor Torquemada o menos acerrimo n'este empenho), que os judeus não baptisados seduziam os conversos e os obrigavam a judaizar, e que o seu trato com os christãos era uma causa perenne de perversão. Recordavam-lhes o desacato commettido em Segovia no principio do seculo, uma conjuração que em 1445 se lhes attribuiu em

Toledo para minar de polvora as ruas por onde havia de passar a procissão de *Corpus*, o roubo e supplicio de um menino christão em Valladolid em 1452, o quasi igual successo em Sepulveda no anno de 1468, outro similhante em 1489 na villa de Guardia, provincia da Mancha, e outras aneddotas d'este genero, juntamente com os casos de envenenamento que se haviam imputado aos medicos e boticarios judeus; dando-se-lhes a entender que não haviam renunciado á perpetração d'estes crimes.

Assim no prefacio ou discurso que precedia o edicto, exprimiam-se os monarcas nos seguintes termos:

«Sabeis ou saber deveis que pois fomos informados que ha ou havia em nossos reinos alguns maus christãos que judaísavam de nossa santa fé catholica, para o que concorria muito o trato dos judeus com os christãos... e outrosim temos procurado e dado ordem para que se faça inquisição em nossos reinos e senhorios, a qual como sabeis ha mais de doze annos que se tem feito e se faz, e por ella se tem encontrado muitos culpados, segundo é notorio, e nos foi declarado pelos inquisidores e outras muitas pessoas religiosas, ecclesiasticas e seculares; e consta e parece ser tanto o damno que aos christãos se segue e tem seguido da participação, conversação e communicação que têm tido e têm com os judeus, os quaes procuram sempre, por quantas vias e maneiras podem, desviar da nossa santa fé catholica aos fieis christãos etc. etc.»

Os monarcas castelhanos, sancionando tão dura providencia, seguiram ou obedeceram ao espirito do povo, deram credito ás accusações, prestaram ouvidos aos excitamentos ou conselhos dos inquisidores, e outras pessoas fanaticas, e creram que não era grande abuso de auctoridade desterrar aos que a opinião publica proscrevia. Não nos atrevemos a affirmar que por parte de Fernando houvesse algum outro fim politico, e que talvez a elle lhe não pezasse da collisão em que o tinham posto. Porém, pelo que respeita a Isabel, temos a firme convicção de que em materias d'esta especie, animada como sempre das mais puras intenções e bons desejos, não fizera mais que sujeitar o seu juizo, em conformidade com os preceitos piedosos em que havia sido creada, aos directores da sua consciencia, em quem suppunha sciencia e discrição para bem a aconselharem e dirigirem nos negocios tocantes á religião e á fé, de sorte que se erros havia nas resoluções de Isabel como rainha, os mesmos erros provinham de virtude propria, e da ignorancia ou do fanatismo, ou da intenção de outros.

Taes foram em nossa opinião as causas do famoso decreto de proscricção e desterro dos judeus, que embora damnoso na ordem economica, duro, deshumnano, desnecessario talvez, e mesmo não de todo justificado, era reclamado pelo espirito publico; se alguns então o reprovavam, ninguem francamente o contradizia; era uma consequencia de antipathias seculares e de odios encanecidos; estava nas idéas exageradas da epocha, e veio a ser util debaixo do ponto de vista da unidade religiosa, tão necessaria para garantia da unidade politica (1).

D. MODESTO LAFUENTE.

(1) Extrahido da Historia general de España. Esta obra do sr. Lafuente, tem merecido largos elogios da imprensa no reino visinho, e é sem contestação uma das mais importantes publicadas na peninsula durante os ultimos annos. Os dez primeiros volumes acham-se á venda na livraria do sr. Lavado, rua Augusta, n.º 8.